

A ESTRUTURA ARGUMENTAL E A POLISSEMIA EM NOMINALIZAÇÕES

THE ARGUMENTAL STRUCTURE AND POLYSEMY IN NOMINALIZATIONS

Rafaela do Nascimento Melo Aquino¹

RESUMO

Este texto propõe-se a analisar nominalizações deverbais no português do Brasil (PB), tendo como recorte a relação entre a polissemia presente nesses itens e a sua estrutura sintática. O embasamento teórico desse estudo é o Modelo Exoesquelético (BORER, H. 2005a, 2005b, 2013a), abordagem teórica da Gramática Gerativa que analisa a formação de palavras de um ponto de vista construcionista derivacional. Isto é, as palavras são formadas pelo sistema computacional e apresentam estrutura sintática interna, assim como sintagmas e sentenças. A metodologia da pesquisa é o estudo formal do comportamento sintático-semântico das nominalizações deverbais, tendo como objeto de análise Nomes formados pelos sufixos *-ção* e *-mento* no PB. Os dados analisados foram selecionados do Google e dos corpora *corpus do português NOW* e *corpus brasileiro*. Em alguns casos, também foi utilizada a introspecção. A hipótese desta pesquisa é a de que as camadas funcionais na estrutura sintática do Nome deverbal influenciam diretamente em sua leitura, conforme propostas construcionistas da Gramática Gerativa defendem. O resultado das análises demonstra que a leitura de evento nos Nomes resulta da herança da estrutura de evento de sua contraparte verbal, tendo em sua estrutura interna todas as camadas funcionais formadoras de evento. Os nomes com leitura de resultado, por sua vez, apresentam somente as camadas aspectual e verbal em sua estrutura. Já nos nomes com leitura de entidade, o nominalizador é projetado acima da raiz e a tipifica como Verbo. Dessa maneira, a raiz ganha um status verbal, mas não faz parte de uma estrutura argumental.

PALAVRAS-CHAVE: Nominalizações. Interface sintaxe-semântica. Gramática gerativa. Estrutura argumental. Formação de palavras.

ABSTRACT

This paper analyzes deverbal nominalizations in Brazilian Portuguese (BP), focusing the relationship between the polysemy present in these items and their syntactic structure. The theoretical basis of this study is the Exoskeletal Model (BORER, H. 2005a, 2005b, 2013a), a theoretical approach to Generative Grammar that analyzes word formation from a derivational point of view. That is, words are formed by the computational system and present internal syntactic structure, as well as phrases and sentences. The research methodology is the formal study of the syntactic-semantic behavior of the deverbal nominalizations, having as object of analysis nominals formed by the suffixes *-ção* and *-mento* in BP. The analyzed data were selected from Google and from the corpora *corpus of the Portuguese NOW* and *Brazilian corpus*. In some cases, introspection was also used. The hypothesis of this research is that the functional layers in the syntactic structure of the deverbal nominals directly influence its reading, according to the different constructionist proposals of the Generative Grammar. The results of the analyzes demonstrate that the event reading in these nominals results from the inheritance of the event structure of its verbal counterpart, having in its internal structure all the event-forming functional layers. Nouns with result reading, in turn, present only the aspectual and verbal layers in their structure. In nominals with entity reading, the nominalizer is projected above the root and typifies it as a verb. In this way, the root gains a verbal status, but it does not present an argument structure.

¹ Pesquisadora de Pós-Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ, litteramelo@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-2108-7550>

KEYWORDS: Nominalizations. Syntax-semantic interface. Generative grammar. Argument structure. Word formation.

Introdução

No estado da arte dos estudos formais sobre nominalizações deverbais, diversas pesquisas (e.g ALEXIADOU & BORER, 2020; AQUINO, 2016, 2021; AQUINO, PEDERNEIRA & LEMLE, 2018; BORER, 2013; CHOMSKY, 1970; GRIMSHAW, 1990) têm tido interesse em compreender a relação morfossemântica complexa existente entre as nominalizações e os verbos dos quais são derivadas, bem como o modo pelo qual as propriedades nominais e verbais são geradas nesses nomes, uma vez que há diferenças sintático-semânticas entre as nominalizações e os verbos. Um exemplo dessa diferença, apresentado em (1), é a maneira como os argumentos são expressos nas nominalizações: ou por meio de um sintagma preposicionado, ou por meio de um genitivo.

- 1) a. Os bárbaros destruíram a cidade.
- b. A destruição da cidade pelos bárbaros.

Outro aspecto importante para o estudo das nominalizações é a polissemia presente nesses vocábulos, que podem apresentar leituras de evento, de resultado e de entidade, conforme os exemplos (2) e (3) demonstram.

- 2) a. Você pode adiantar o *carregamento* dos lotes para mim? (evento)
- b. Três *carregamentos* de madeira foram apreendidos pela polícia. (entidade)
- 3) a. A *abordagem* de pacientes alcoólatras pelos agentes de saúde deve ser respeitosa. (evento)
- b. Eu concordo com a sua *abordagem* do tema. (resultado)

(AQUINO, 2021, p. 104)

A diferentes leituras veiculadas pelas nominalizações foi estudada por Grimshaw (1990), que propôs três tipos de nominais: *Complex event nominals*, *Result nominals* e *Simple event nominals*. A principal diferença entre esses nomes, dentre muitas apontadas pela autora, é a que Nomes de evento complexo, diferentemente dos Nomes resultativos e Nomes de evento simples, mapeiam obrigatoriamente argumentos por apresentarem estrutura argumental. Desse modo, a autora defende que os sintagmas preposicionais iniciados pelas preposições *de* (*of-phrase*) e *por* (*by-phrase*) são argumentos desses Nomes. Essa divisão tem sido tomada como base de diferentes estudos sobre nominalizações, como os de Alexiadou e Borer (2020), Aquino, Lemle e Pederneira (2018), Aquino (2019, 2021) e Borer (2005, 2005b, 2013).

Dentro desse contexto, esse texto se propõe a estudar a relação entre a estrutura argumental e a polissemia das nominalizações com o intuito de compreender até que ponto a estrutura sintática dessas palavras contribui para as diferentes leituras nesses nominais, tendo como objeto de estudo nomes deverbais do Português do Brasil formados com o sufixo *-ção* e *-mento*². O embasamento teórico desta pesquisa é o modelo localista de gramática Exoesqueletal (BORER, 2005a, 2005b, 2013) da Teoria da Gramática Gerativa. Nesse modelo, assim como na Morfologia Distribuída, a formação de palavras, sintagmas e sentenças ocorrem no sistema computacional da gramática, tendo, como unidades básicas do processo de formação de palavras, as raízes (itens fonológicos) e funtores (sintáticos e semânticos).

A motivação principal para a escolha dessa abordagem, que será mais detalhada na parte de Fundamentação Teórica, está relacionada à assunção de que raízes são esvaziadas de conteúdo semântico (BORER, 2013a) e não introduzem argumentos (BASSANI & MINUSSI, 2015). Essa hipótese acerca das raízes possibilita uma maior abertura para o componente sintático gerar estruturas com informações bem claras a serem lidas pelos componentes fonológico e semântico da gramática. Isso significa, dentro do recorte de estudo deste artigo, que palavras complexas, dependendo de sua composição sintática, podem receber leitura não-composicional em camadas mais altas da derivação, conforme a proposta de Borer (2013c), pois são as relações entre os nós funcionais e lexicais presentes na estrutura sintática que auxiliarão ao componente enciclopédico a definir a leitura possível para a palavra, não a sua raiz. É importante notar que, nessa proposta teórica, o conteúdo enciclopédico das palavras é inserido após a derivação ser enviada para a Forma Fonológica, e a inserção de conteúdo é limitada pela primeira projeção estendida dominando um núcleo lexical (C-core) na derivação. (cf. BORER, 2013c, p. 455)

Diante disso, a hipótese dessa pesquisa é de que as estruturas sintáticas possíveis para os Nomes deverbais delimitarão as suas leituras possíveis. As questões base desse estudo são: (i) Quais são as camadas sintáticas presentes na estrutura morfossintática dos nomes deverbais? (ii) Como os nós funcionais presentes na estrutura dos nomes deverbais influenciam as diferentes leituras?

Para a análise dos dados, foi usada uma metodologia de análise formal das estruturas dos nomes deverbais, às quais foram aplicados alguns dos testes gramaticais propostos inicialmente por Grimshaw (1990) e ampliados por Borer (2013b) (cf. quadro 1), com o objetivo de verificar o comportamento dos dados do PB diante da tipologia proposta pelas autoras. Após essa fase de análise, foram observados os fatores, considerando a interface sintaxe-semântica, que contribuem para a diversidade de leituras nesses nomes.

² Esse texto não se propõe a discutir a relevante questão sobre as possíveis diferenças semânticas entre os sufixos *-ção* e *-mento*, mas tem como foco, principalmente, a estrutura sintática dos nomes formados por eles. Para saber mais sobre essa questão, veja Oliveira (2005) e Aquino (2021).

Quadro 1: Propriedades de Nomes deverbais

Nomes de evento complexo	Nomes de resultado
Não aceita determinante indefinido	Aceita determinante indefinido (um, uns)
Não aceita demonstrativos	Aceita demonstrativos (esse, essa)
Aceita determinante definido	Aceita determinante definido
Não podem pluralizar	Podem pluralizar
Leitura de evento	Sem leitura de evento
Argumentos obrigatórios	Argumentos não são obrigatórios
Compatível com modificação aspectual como <i>em três horas</i>	Não é compatível com modificação aspectual
<i>Constante e frequente</i> com o singular	<i>Constante e frequente</i> somente com o plural
<i>By phrase</i> é um argumento	<i>By phrase</i> não é argumento.

Fonte: Borer (2013c, p. 1, tradução da autora)

Os dados utilizados nesta pesquisa foram selecionados do *site Corpus do português – corpus NOW*³, do *Dicionário de Nomes deverbais*⁴ e de outras páginas diversas consultadas na internet com o auxílio do site de busca *Google*. Houve também o uso da introspecção para a escolha de alguns dados, principalmente em casos possíveis na língua que não foram encontrados nas buscas. A seleção dos dados foi feita seguindo os seguintes fatores: por sufixo, por tipo de leitura (evento, resultado, entidade) e tipo de estrutura da base verbal (inergativa, transitiva etc.).

Dito isso, o artigo seguirá a seguinte estrutura. Na seção a seguir, será feita uma breve descrição da fundamentação teórica, relacionando-a com o objeto de estudo. Na seção 3, veremos a análise dos dados, e, na seção 4, terá a discussão das análises e as considerações finais do artigo.

1. Fundamentação teórica

O Modelo Exoesquelético – XS (BORER, 2005a, 2005b, 2013a, 2013b, 2013c), abordagem teórica aqui adotada, assume uma visão fortemente computacional da gramática, na qual as propriedades sintáticas, como estrutura argumental e categoria sintática, são propriedades determinadas pela estrutura sintática e não pelo item em si. A teoria vai mais além ao propor que a estrutura também é responsável por oferecer instruções claras para o significado final das palavras.

Nesse modelo, assume-se, então, uma arquitetura de gramática em que há somente um componente computacional, a sintaxe, que opera na formação de hierarquia e na manipulação de constituintes na gramática. Nas operações realizadas por esse sistema, estão incluídas as operações que são responsáveis pela estrutura interna de palavras, isto é, as operações derivacionais que criam palavras complexas, como *globalização* e *guarda-roupa*. Assim como defendido pela MD, no XS as palavras não são a matéria-prima da sintaxe e não são atômicas. Por palavra entende-se um constituinte que contenha estrutura sintática e que corresponde a uma unidade fonológica de um determinado tamanho.

³ <https://www.corpusdoportugues.org/now/>

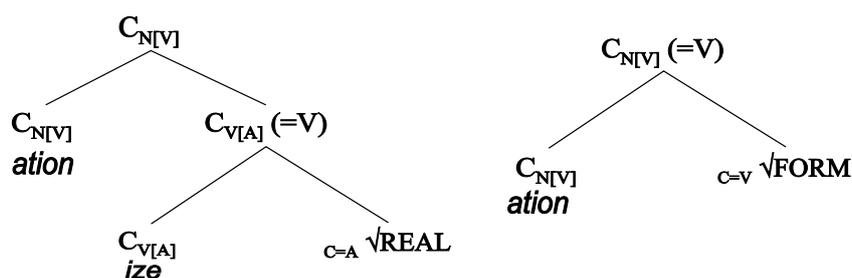
⁴ <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/main.html?action=derdict>

Nesse sistema, a sintaxe opera com *raízes* (ou listemas) e *funtores gramaticais*. Na base do sistema há um reservatório de raízes, que não estão associadas com nenhuma informação gramatical. Em outras palavras, as raízes não têm categoria sintática definida, não apresentam um ambiente de inserção morfológica ou sintática específico e não contêm marcação morfológica específica, seja ela flexional ou derivacional. As raízes são índices fonológicos sem nenhum conteúdo conceitual. No processo de formação da estrutura sintática, as raízes se concatenam (*merge*) aos funtores e, em seu ambiente de concatenação, são categorizadas.

Em adição ao reservatório de raízes, há na gramática um *Léxico funcional* que contém *funtores gramaticais*. Esses funtores são definidos pela GU e fazem parte de um reservatório finito, sendo classificados em funtores categoriais (*C-functors*) e funtores semânticos (*S-functors*). A responsabilidade desses itens funcionais é designar as funções sintáticas e semânticas da estrutura através da derivação e dos contextos sintáticos. Isso quer dizer que os funtores são responsáveis por projetar e licenciar nós funcionais e lexicais. Alguns exemplos de funtores são os determinantes, os marcadores de tempo, os auxiliares, os marcadores de número, entre outros.

Os funtores categoriais (*C-functors*) projetam uma categoria e definem um espaço de complemento categorial (*Categorial Complement Space – CCS*) que equivale a uma outra categoria. Além disso, o funtor categorial também pode se concatenar à projeção de outro funtor, desde que essa projeção seja equivalente ao seu CCS. Por exemplo, um funtor do tipo $C_{N[V]}$, que pode ser representado fonologicamente como *-ation*, *-ance*, *-ment* etc. em inglês, ou como *-ção*, *-mento*, *-agem* etc. em português, projeta um N e define seu CCS como equivalente à classe de Verbo. Esse funtor pode ter em seu CCS uma raiz, que será equivalente a Verbo, ou um funtor que projeta um V, como por exemplo o funtor $C_{V[A]}$. Observe essas possibilidades de categorização nas estruturas das palavras *realization* e *formation* na figura 1.

Figura 1: Categorização no Modelo Exoesqueletal



Fonte: Borer (2013c, p. 13)

Os funtores semânticos (*S-functors*), por sua vez, têm como função atribuir valores semânticos a um nó funcional sem valor semântico marcado dentro de projeções estendidas (ExP). O modelo entende a projeção estendida como um conjunto de segmentos (ExP-segments) que recebem valores dos funtores semânticos e coletivamente definem um CCS particular. Como exemplo, considere a

notação, na qual D é um segmento ExP semanticamente valorado por um funtor semântico como *the*, em inglês, ou *o*, em português. Nessa notação, {Ex[N]} é o conjunto de segmentos de uma projeção estendida que coletivamente definem seu CCS como equivalente a N. As expressões nominais do tipo *o menino forte* e *o céu azul* exemplificam esse caso. A leitura semântica atribuída por esses funtores é puramente formal. É importante frisar que a teoria assume uma diferença entre a semântica dos itens funcionais e o conteúdo conceitual que as palavras irão receber. É assumido que o sistema computacional não tem por si só a função de criar conteúdo conceitual e que também não é afetado gramaticalmente por ele.

Em relação às raízes, é importante ter em mente que, nessa teoria, esses itens não tomam argumentos e a sua categoria será definida pelo espaço categorial do funtor que a domina. Assim como na MD, as raízes são acategoriais e precisam estar vinculadas a um funtor para receber uma categoria. No entanto, diferente dessa teoria, no Modelo Exoesqueletal, um funtor que gera um nome e define seu espaço categorial como verbo (e.g. $C_{V[N]}$) pode ser concatenado a uma raiz e defini-la como um verbo. Ou seja, não é necessário um nó verbalizador entre esse funtor e a raiz para que ela seja verbalizada.

No que diz respeito às estruturas sintáticas geradas pelo sistema, Borer (1993, 2003, 2005b, 2013a) propõe a existência de estruturas sintáticas universais (i.e. *templatos*), representadas simplificada em (4). Nessa proposta, as diferenças aspectuais listadas pela *Aktionsart*, especialmente no que tange à telicidade, são realizadas sintaticamente por projeções sintáticas aspectuais (ASP_Q , F^{shl}), e os argumentos da estrutura sintática recebem sua leitura a partir da sua posição nessa estrutura.

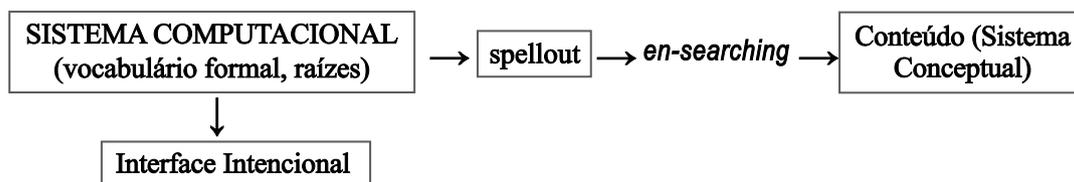
- 4) a. Transitivo, Télico:
 [EP DP1 <e>E [TP DP1 [ASPQ DP2 [VP V]]]] (em duas horas/*por duas horas)
 ORIGINADOR NOM ACC
- b. Transitivo, Atélico:
 [EP DP1 <e>E [TP DP1 [FP DP2 [VP V]]]] (*em duas horas/por duas horas)
 ORIGINADOR. NOM PRT
- c. Intransitivo, Télico:
 [EP DP1 [TP DP1 [ASPQ DP1 [VP V]]]] (em duas horas/*por duas horas)
 S-O-Q NOM S-O-Q
- d. Intransitivo, Atélico:
 [EP DP1 <e>E [TP DP1 [VP V]]]] (*em duas horas/por duas horas)
 NOM

(BORER, 2005b, p. 6, tradução da autora)

No decorrer da derivação, as estruturas sintáticas criadas a partir da concatenação destes elementos são enviadas para a Forma Fonológica – FF (*Phonological Form* – PF), a partir de *Spell-out*. Após o *Spell-out*, um mecanismo de busca enciclopédica é ativado e o conteúdo conceitual é combinado à estrutura criada. Diante dessas explicações, podemos compreender que o modelo de gramática proposto pelo XS tem esta representação de Borer (2014a, p. 94), da figura 2, no qual,

segundo Borer (2014a), não há uma interface conceitual-intencional unificada, de modo que, enquanto o input da semântica formal (Interface intencional), que é indiferente ao *spell-out*, é a estrutura sintática e as propriedades gramaticais dos funtores, o Conteúdo (Sistema Conceitual), que também acessa a estrutura sintática, é indiferente às propriedades formais dos funtores, mas inteiramente ligado a sua realização fonológica.

Figura 2: Modelo Exoesquelético de gramática



Fonte: Borer (2014a, p. 94, tradução da autora)

Além das propostas acima descritas, Borer (2014a), partindo da divisão proposta por Grimshaw (1990), propõe que a diferença entre os tipos de nomes deverbais, agora denominados *Argument Structure nominals* (AS- nominals) e *Referential nominals* (R- Nominals), é proveniente de estruturas sintáticas diferentes. A linguista parte da tipologia apresentada por Grimshaw (1990) para os Nomes deverbais e propõe propriedades adicionais a estes Nomes (cf. quadro 1).

Diante dessas propriedades, a pesquisadora analisa os casos de Nomes referenciais e os casos de Nomes com estrutura argumental. Ela propõe, então, que, no que diz respeito ao conteúdo semântico, os Nomes com leitura de evento (AS-nominals) sempre apresentarão conteúdo composicional, ou seja, o significado do todo será compreendido a partir do significado das partes. Essa proposta está pautada no fato de que esses Nomes apresentam, em sua estrutura sintática, uma projeção estendida verbal (VP) que bloqueia o mecanismo de busca enciclopédica, impossibilitando o surgimento de conteúdo não composicional.

No entanto, os Nomes referenciais (*R-nominals*) não apresentam essa projeção estendida, e, dessa forma, as leituras não composicionais são possíveis. Para estes Nomes, Borer assume que o item funcional (ou funtor categorial) concatenado à raiz da palavra torna essa raiz equivalente a Verbo, não um Verbo propriamente dito. Além disso, é importante ressaltar que, para Borer, não há diferença entre os nomes de resultado e de entidade apresentados no início deste texto. A autora considera os dois tipos como Nomes referenciais. No entanto, essa falta de distinção não é assumida nesta pesquisa e, como será visto na seção de análises, os dados de LP corroboram essa distinção.

No que diz respeito às camadas sintáticas presentes na estrutura dos AS-nominals, Borer (2013a) defende que uma estrutura de evento esteja encaixada sob o nominalizador (N). Desse modo, segundo a autora, esse item funcional é adjungido à projeção EP (Event Phrase – Sintagma de Evento). Essa projeção, por sua vez, tem como função licenciar o argumento do evento e é obrigatória para fazer emergir a estrutura de evento e a interpretação eventiva.

Conforme essa proposta, a estrutura dos Nomes argumentais contém todas as camadas funcionais e aspectuais presentes na sua contraparte verbal. Já para os Nomes referenciais, a pesquisadora propõe que esses Nomes não apresentem estrutura argumental, de modo que sua formação sintática se daria sem uma projeção estendida verbal (VP).

Com a fundamentação teórica descrita, na próxima seção, as análises das nominalizações em LP serão apresentadas.

2. Análise sintática de Nominalizações

2.1. Nominalizações que denotam evento

Conforme visto na introdução, os estudos de Grimshaw (1990) e Borer (2013a) apresentam diferentes evidências para defender a presença de estrutura argumental/eventiva nas nominalizações com leitura de evento. Duas delas, entre outras, são a modificação aspectual e a modificação com Adjetivos orientados a agentes. Em relação à presença de argumentos, no seu estudo comparativo do inglês e do hebraico, Borer (2013a) observa que há a possibilidade de o argumento externo agentivo realizado pelo *by-phrase* não ocorrer junto com o Nome, porém a recuperação desse sintagma é possível através de um controle implícito de argumentos. Por outro lado, Borer (2013a) defende que os AS-*nominals* têm o argumento interno obrigatoriamente realizado. Quanto à propriedade dos Nomes de evento selecionarem argumentos, observemos (5).

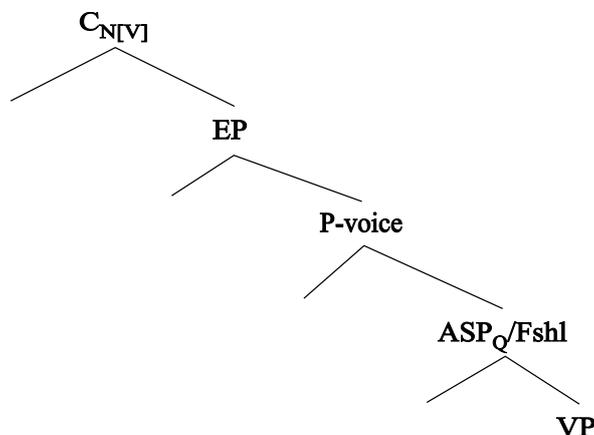
- 5) a. O *recrutamento* dos soldados pelo exército durou um mês.
 b. * O *recrutamento* pelo exército durou um mês.
 c. O *recrutamento* dos soldados durou um mês.
 d. O *recrutamento* durou um mês.

Em (5), o nome deverbal *recrutamento* denota um evento. Essa leitura é evidenciada pelo predicado *durou um mês*, que expressa a realização de um processo. Nas sentenças acima, o nominal é derivado de um verbo transitivo e, em (5a), mapeia os dois argumentos previstos pelos estudos de Grimshaw (1990) e Borer (2013a), isto é, o argumento interno (expresso como um *of-phrase*) e o argumento externo (expresso como um *by-phrase*).

Em (5b), porém, o argumento externo ocorre sozinho, sem o argumento interno expresso por *of-phrase*. Nesse caso, a sentença torna-se agramatical. Além disso, o que ocorre nesta sentença parece corroborar a defesa feita por Borer de que os argumentos internos dos nomes com estrutura argumental são obrigatoriamente expressos, principalmente quando o argumento externo está realizado. Esse fato também é observado por Lebeaux (1986 *apud* GRIMSHAW, 1990), Grimshaw (1990) e Oliveira (2014). Esses autores afirmam que, se estiver presente o argumento externo realizado por um *by-phrase*, o argumento interno deve ocorrer obrigatoriamente. Nesse sentido, podemos supor que, na estrutura do nome com leitura de evento, o nominalizador é projetado acima de uma estrutura

em que há camadas funcionais responsáveis pela projeção do argumento externo (e.g EP, P-voice) e do argumento interno (ASPQ ou F^{shl}) dominando o VP, conforme a representação na figura 3.

Figura 3: Proposta de estrutura para Nomes deverbais com leitura de evento



Fonte: Aquino (2021, p. 126)

Em (5c) há o caso inverso ao de (5b), pois em (5c) o Nome seleciona apenas o argumento interno, e a aceitabilidade da sentença não é afetada. Esse dado indica que, de fato, o argumento externo pode não ser expresso fonologicamente, embora seja possível recuperá-lo.

Já em (5d), o Nome ocorre sem os argumentos e ainda apresenta leitura de evento. Neste caso, além da leitura de evento ser mantida, a sentença mantém ainda a gramaticalidade e a aceitabilidade. Esse exemplo demonstra que também é possível não expressar o argumento interno do Nome, sem alterar a sua gramaticalidade. Na literatura, esse fenômeno também foi apontado no estudo de Sleeman e Brito (2007). Diante disso, é possível questionar se a leitura eventiva do Nome está de fato diretamente relacionada à propriedade do nominal de selecionar argumentos. Na tentativa de compreender esse fato, observemos dados de estruturas verbais no PB, nas quais não há a expressão fonológica do objeto.

- 6) a. A Joana viu ___ na TV ontem.
 b. Eu informei à polícia da possibilidade de o Manuel ter guardado ___ no cofre da sala de jantar.⁵

(CYRINO, 1994, p. 1)

O fenômeno de objeto nulo, representado em (6), tem sido estudado por diferentes autores (cf. KATO, 1993, 2011; CYRINO, 1994, 2000; JANSEN, 2016), que analisam o objeto nulo no PB como um elemento pronominal de caráter fórico. Assim como o objeto nulo, o argumento interno não realizado dos Nomes deverbais pode ser recuperado pelo contexto. Diante disso, surge a questão de se a possibilidade de ocorrência do objeto nulo no PB estaria influenciando a não obrigatoriedade

⁵ Segundo Cyrino (1994), esta sentença em português europeu (PE) é agramatical.

da realização fonológica do argumento interno das nominalizações em PB. Além disso, segundo Grimshaw (1990, p. 49), “*obligatoriedade* deve significar o mesmo para Nomes e Verbos: capazes, em princípio, de serem obrigatórios, mas talvez sujeitos à variação lexical. Afinal, até mesmo os objetos diretos dos Verbos podem ser opcionais.”⁶ Podemos, então, concluir que a falta de expressão do argumento em certos contextos não implica a falta da capacidade de Nomes deverbais que denotam evento selecionarem argumento, um fato evidenciado por (5a).

Em relação ao argumento externo, sabemos, com evidências de outras línguas e de (5b), que a falta de realização desse argumento é possível. Além de (5), podemos ver que em (7a) há a possibilidade de o argumento externo do Nome ser realizado com um *of-phrase* agentivo. A comparação entre os exemplos (5) e (7) mostra que o *sujeito* pode ser expresso tanto por um *by-phrase* como por um *of-phrase*.

- 7) a. A *latição dos cachorros* durou o dia todo.
 b. *A *latição pelos cachorros* durou o dia todo.
 c. A *latição* durou o dia todo.

É relevante notar que o Nome *latição* acima apresenta somente a leitura eventiva, pois faz parte do grupo de nomes deverbais que apresentam leitura iterativa (cf. Aquino, 2021). No entanto, quando um Nome deverbal apresenta polissemia, como os Nomes *avaliação* e *entrada*, representados em (8), há a possibilidade de o sintagma iniciado pela preposição *de* comportar-se como um modificador genitivo ou como um sintagma agentivo relacionado ao sujeito verbal (i.e., o argumento externo).

- 8) a. A *avaliação de João* estava longa. (genitivo)
 b. A *avaliação de João* durou o dia todo. (agentivo)
 c. A *entrada da escola* fica na rua Manoel Reis. (genitivo)
 d. A *entrada dos alunos* durou uma hora. (agentivo)

Os dados apresentados até aqui corroboram a proposta de que os Nomes eventivos mapeiam argumentos, ainda que em alguns casos eles não sejam expressos. Esse fato nos mostra que, no processo de derivação sintática de Nomes com leitura de evento, a estrutura argumental é projetada de maneira semelhante à estrutura argumental verbal. Ou seja, em Nomes derivados de Verbos com estrutura transitiva, há o mapeamento dos argumentos interno e externo, como em (8); em Nomes derivados de Verbos inergativos, também como em (8), há o mapeamento do argumento externo; e, em Nomes derivados de Verbos inacusativos, representado no exemplo (9) a seguir, há o mapeamento do argumento interno.

- 9) A síndrome do olho seco pode evoluir para a *ulceração* da córnea.

⁶ Of course, obligatory must mean the same for nouns as for verbs: capable in principle of being obligatory but perhaps subject to lexical variation. After all, even direct objects of verbs are sometimes optional. (GRIMSHAW, 1990, p. 49)

A partir da discussão acima, já é possível supor que há evidências de que os Nomes que denotam eventos no PB são formados pelo mesmo caminho derivacional de sua contraparte verbal. Desse modo, é possível assumir para a sua estrutura a presença da projeção estendida verbal (VP). Outros estudos na literatura (Alexiadou, 2001, 2020) também propõem essa camada para as nominalizações deverbais do inglês, do hebraico, do holandês, do catalão e do russo. Além da projeção estendida verbal, assumindo a proposta de estrutura de evento de Borer (2013a, 2013b), outras camadas funcionais podem ser consideradas para a estrutura interna dos Nomes eventivos. Estas são: ASP_Q / F^{shl} , P-voice, EP.

Tomemos outra evidência para a presença dessas camadas nos Nomes eventivos, a modificação aspectual. Essa modificação é exercida por expressões temporais do tipo *por X tempo*, *em X tempo*, *às X tempo* e *durante X tempo* (cf. VLENDER, 1967; DOWTY, 1979). Observe os exemplos a seguir.

- 10) a. O planejamento do seminário pela comissão (*em dois meses*).
- b. A reativação do site (*às sete horas*).

(AQUINO, 2021, p. 120)

Como os dados acima demonstram, a inserção das expressões temporais como modificadores da nominalização comprova a sua leitura de evento, pois essa modificação pode delimitar o evento descrito pelo nominal. Esse fato nos fornece ainda mais evidência de que esses Nomes apresentam as camadas funcionais presentes na derivação de sua contraparte verbal. Desse modo, é possível assumir que os Nomes com leitura de evento apresentam uma estrutura sintática em que o nominalizador ou funtor categorial é projetado acima da estrutura de evento de sua base verbal. Isso indica que abaixo da camada nominal estarão as projeções EP, ASP_Q / F^{SHL} e V, propostas por Borer (2013a) como componentes da estrutura de evento dos Verbos.

Outro ponto importante a ser considerado na análise das nominalizações é a presença do argumento externo *by-phrase*. Autores como Roeper e van Hout (1999) e Borer (2013a) apresentaram propostas para a posição sintática responsável por liberar o argumento externo nas nominalizações. Roeper e van Hout (1999) propõem que o agente da nominalização é projetado em *VoiceP*, uma projeção mais alta que o VP⁷. Borer (2013a), no entanto, com dados do hebraico e do inglês, propõe que o agente expresso como *by-phrase* é projetado em um subevento encaixado no evento principal, um *eventinho* (*e*). Esse sub-evento é responsável por licenciar a voz passiva analítica, ou algumas formas participiais. Esse *eventinho* é dominado por um operador chamado de *Passive Voice* (P-Voice). Nessa proposta, a leitura de *originador* emerge em *e*. Desse modo, as nominalizações que contêm *by-phrase* são formadas de modo semelhante às sentenças passivas.

⁷ Para os dados do inglês, os autores afirmam que o agente do *Spec* do *VoiceP* é alçado para *Spec* de DP, podendo gerar o Nome *the enemy's destruction of the city*. Nesse texto, os autores também analisam as nominalizações de Adjetivos deverbais formados em *-able*, como *learnability*. O adjetivador *-able*, segundo os autores, se comporta como um passivizador e, quando o Adjetivo formado por ele é nominalizado, não é possível o alçamento do sujeito verbal: **John's learnability of French*. Porém, é possível o alçamento do objeto: *grammar's learnability*. Esse fenômeno ocorre, segundo os autores, porque *-able* projeta um traço [+tema] para o seu *Spec*, impedindo o alçamento do *Spec* do *VoiceP*, que é [+ agente].

Quanto à presença de um *VoiceP* ou *P-Voice* na estrutura das nominalizações do PB, vamos analisar os seguintes exemplos.

- 11) a. A prefeitura construiu o campo de futebol.
 b. O campo de futebol foi construído pela Prefeitura.
 c. O campo de futebol foi construído (pela Prefeitura) no mês passado.
- 12) a. A construção do campo de futebol.
 b. A construção do campo de futebol pela prefeitura.
 c. A construção do campo de futebol (feita pela prefeitura).
 d. ?? A construção da prefeitura do campo de futebol.
- 13) a. A pintura de Tarsila do Amaral.
 b. *A pintura por Tarsila do Amaral.
 c. A pintura feita por Tarsila do Amaral.

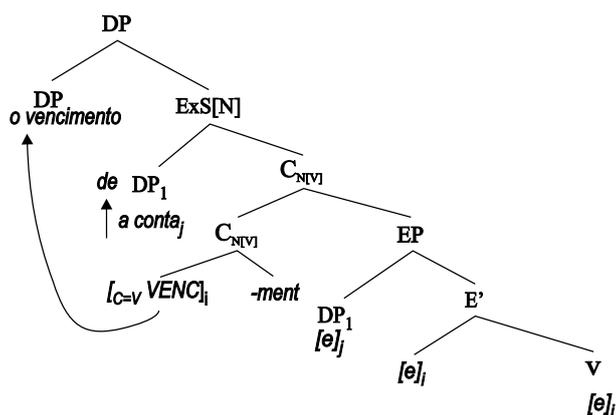
(AQUINO, 2021, p.132)

Em (11) e (12), vemos que o agente da passiva e o agente da nominalização transitiva apresentam a mesma realização fonológica: *por* + DP. No entanto, em (13) podemos ver que essa estrutura não é possível quando se refere a uma autoria, diferentemente do inglês, em que se pode dizer *the painting by Tarsila do Amaral*. Além disso, em (11c) observa-se que o PP agentivo pode ser encaixado em um subevento expresso pelo sintagma [feito por DP]; assim como em (12c), em que a autoria pode ser expressa por essa construção. Diante disso, pode-se assumir, assim como Borer (2013a), que o agente expresso por um *by-phrase* é gerado em *e*. Outra evidência para essa hipótese é a estranheza causada na sentença (12d), em que o agente é expresso por um *of-phrase*⁸.

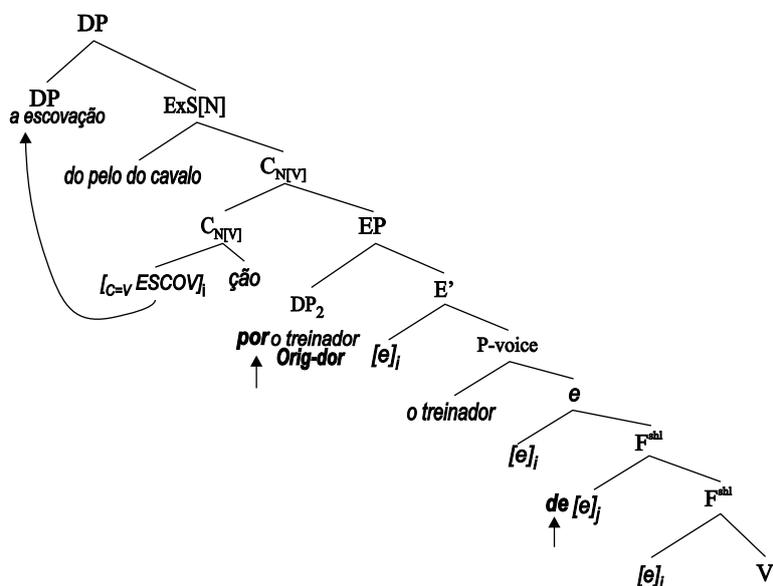
A análise feita até o momento demonstra que os Nomes deverbais formados por derivação sufixal no PB que têm leitura de evento são formados a partir da estrutura argumental do verbo que está em sua base, concordando com outras análises disponíveis na literatura. Dessa maneira, tomando os templates de Borer (2005, 2005a, 2013), em (14), os nomes *vencimento* e *escovação* são formados pelas estruturas representadas nas figuras 4 e 5.

- 14) a. O vencimento da conta será na próxima semana.
 b. A escovação do pelo do cavalo pelo treinador.

⁸ No inglês e no hebraico, a ordem de palavras Nome Agente Objeto é possível com nominalizações transitivas. Nesse caso, a proposta de Borer (2013a) é que o agente emerge em EP e é alçado para *Spec* de uma projeção estendida no domínio nominal. Em PB, essa ordem de palavras nos parece estranha, até agramatical. Nesse sentido, optamos por considerar que em PB há somente a opção em que o agente da nominalização transitiva emerge em *P-Voice*. Esse seria então um caso de variação paramétrica.

Figura 4: Nome derivado de estrutura inergativa

Fonte: Aquino (2021, p.133)

Figura 5: Nome derivado de estrutura transitiva atética

Fonte: Aquino (2021, p.136)

2.2. Nomes que denotam resultado

Para iniciar a análise dos Nomes com leitura de resultado, é importante relembrar que a noção de *resultado* é entendida como “o *output* de um processo ou um elemento associado com o processo” (GRIMSHAW, 1990, p. 49). Vamos analisar os dados a seguir.

- 15) a. *O planejamento da festa pelos pais foi arquivado.
- b. *O planejamento pelos pais foi arquivado.
- c. O planejamento dos pais foi arquivado.
- d. O planejamento da festa foi arquivado.
- e. O planejamento foi arquivado.

Como evidenciado pelo predicado *foi arquivado*, que seleciona semanticamente um nominal não eventivo, o Nome *planejamento* denota resultado. Em (15a) há um exemplo em que o Nome com leitura de resultado não pode selecionar dois argumentos (i.e., interno e externo). Nesse caso, a sentença é agramatical.

Ainda em relação ao argumento externo expresso como um *by-phrase*, é possível ver em (15b) que o Nome também não seleciona somente esse argumento, uma vez que a sentença na presença desse único argumento se torna agramatical. O exemplo (15c), por sua vez, nos mostra que o DP *os pais*, o sujeito da sentença, é realizado como um modificador *of-phrase* genitivo. Esse caso é diferente dos Nomes com leituras de evento, em que o sintagma preposicional é agentivo. Em (15d) há um caso em que o Nome de resultado pode mapear o argumento interno e ainda manter sua leitura. E em (15e) há um caso em que o Nome aparece sem os argumentos.

Diante desses exemplos e com a discussão feita para os Nomes de evento, surge a questão: os Nomes que denotam resultado apresentam a mesma estrutura dos Nomes que denotam evento? Para responder a essa pergunta, é necessário focalizar alguns dados. Observe as sentenças a seguir.

- 16) a. O planejamento *da festa* foi arquivado.
b. A gravação *da palestra* está na biblioteca.

Em (16) vemos que é possível, em PB, o Nome com leitura de resultado selecionar argumento interno. Conforme defendido por Alexiadou (2001, 2010), o sintagma preposicional que ocorre com o Nome de resultado (no caso dos exemplos acima, os sintagmas *da festa* e *da palestra*) apresenta o mesmo papel temático do complemento de sua contraparte verbal (i.e., tema), indicando que o complemento verbal é herdado pela nominalização. Neste trabalho, assumo a proposta de Alexiadou (2001, 2010) e analiso aqui os sintagmas *da festa* e *da palestra* como argumento interno do Nome, uma vez que o seu papel temático é semelhante ao dos complementos dos verbos *planejar* e *gravar*. Assim, é possível assumir que a camada vP está presente também na estrutura de Nomes com leitura de resultado no PB. Esse fato também já foi observado por Harley (2006) e Sleeman e Brito (2007, 2010) para as línguas inglesa e holandesa.

Além disso, segundo Jorge (1986), Nomes de resultado ainda apresentam algum traço eventivo na estrutura, uma vez que podemos recuperar a ação que produz o resultado. Desse modo, assumindo a proposta de Borer (2005b) para a estrutura de evento, proponho que além da camada verbal há, na estrutura dos Nomes resultativos, a camada ASP_Q/F^{shl} . Essas camadas, como visto no início do texto, são responsáveis por medir o evento e por contribuir para a formação do próprio evento.

Em relação à camada aspectual em Nomes resultativos, diferentes autores propõem essa camada na estrutura desses Nomes. Uma evidência de que há essa projeção na estrutura nominal de Nomes de resultado é a possibilidade de modificação aspectual pela expressão *durante X tempo*. No diagnóstico de Grimshaw (1990), endossado por Borer (2013a), essa propriedade não faz parte dos Nomes de resultado. Porém, observe o seguinte dado apresentado por Reis e Figueiredo (2018).

- 17) O porta-voz[...] afirmou hoje que a conturbação *durante duas semanas* e dificuldades internas do Syriza não justificam a invenção de histórias nem de desculpas.

(REIS, FIGUEIREDO, 2018, p. 192)

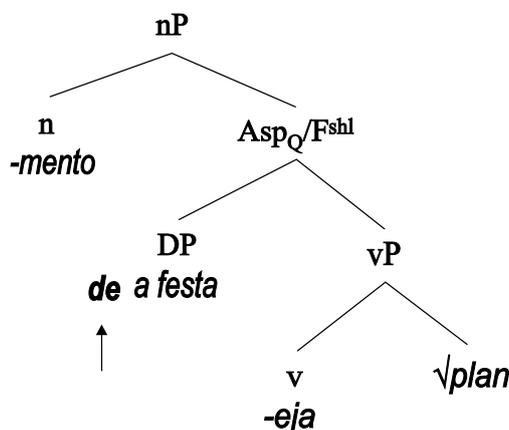
Segundo Reis e Figueiredo (2018, p. 192), no que se refere a Nomes eventivos, “essa expressão indica o desenvolvimento de um processo”, enquanto para Nomes de resultado “indica a duração de um estado”. Esses fatos, demonstrados pelas autoras, contribuem para a hipótese de que a camada aspectual também está presente nas nominalizações. Desse modo, temos evidência, com dados do PB, de que as camadas vP e AspP estão na estrutura de Nomes com leitura de resultado.

Em relação às camadas EP e P-voice presentes nos Nomes eventivos, os exemplos (15a), (15b) e (15c), rerepresentados em (18), demonstram que os PPs agentivos (i.e *of-phrase* e *by-phrase* agentivos) não ocorrem com Nomes de resultado.

- 18) a. *O planejamento da festa pelos pais foi arquivado.
 b. *O planejamento pelos pais foi arquivado.
 c. *O planejamento dos pais (*agente*) foi arquivado.

Esse fato fornece evidência de que as camadas funcionais EP e P-voice não fazem partes desses Nomes. Nesse sentido, os dados apontam para uma proposta de estrutura em que o nominalizador é concatenado acima das camadas aspectuais ASP_Q/F^{shl} e VP, conforme a representação arbórea na figura 6 a seguir demonstra. Essa é a proposta aqui defendida para Nomes resultativos.

Figura 6: Estrutura de Nomes que denotam resultado



Fonte: Aquino (2021, p. 139)

Conforme visto até o momento, os Nomes com leitura de evento e os Nomes resultativos apresentam estruturas sintáticas complexas nas quais diferentes camadas funcionais contribuem para a sua leitura final. No primeiro grupo de nomes, a nominalização contém estrutura argumental, e, no segundo grupo, o Nome é formado com as camadas aspectual e verbal, sem herdar a estrutura argumental completa de sua contraparte verbal. Dito isso, passemos à análise dos Nomes de entidade.

2.3. Nomes que denotam entidade

Além das leituras de evento e de resultado, os nomes deverbais podem apresentar leitura de entidade. Na literatura, a diferença entre os nomes que denotam resultado e os nomes que denotam entidade foi notada inicialmente por Brito e Oliveira (1997). Segundo as autoras, essas nominalizações denotam *produto* ou *coisas* e podem apresentar diferentes valores semânticos: (i) entidade concreta, (ii) entidade concreta coletiva, (iii) entidade concreta de lugar e (iv) entidade abstrata, conforme os exemplos a seguir demonstram, respectivamente.

19)

- a. Segundo a porta-voz, na precária *embarcação* viajam quatro bebês e três mulheres grávidas⁹
- b. O bioma abriga o último remanescente carioca deste tipo de *vegetação*¹⁰
- c. Hoje o *assentamento* conta com cerca de 100 famílias, que trabalham basicamente na produção de frutas e hortaliças de pouca renda¹¹
- d. A novidade apresentada pela Amifest [...]garante ao visitante com vestimenta em conformidade com as regras duas opções de *bonificação*: (1) quatro tickets de água/refrigerante ou (2) dois tickets de chopp¹²

De acordo com Brito e Oliveira (1997), os nomes que denotam entidade, além do comportamento semântico diverso, apresentam comportamento sintático diferente dos nomes com leitura de evento e de resultado. Isto é, os nomes que denotam entidade, segundo as autoras, não podem vir acompanhados com um sintagma preposicional agentivo (tanto *by-phrase* quanto *of-phrase*), não podem selecionar um *of-phrase* como argumento, somente como adjunto, e não podem ser modificados por expressões de tempo do tipo *em X tempo*, *durante X tempo* etc. Esse diagnóstico pode ser confirmado com os exemplos que se seguem.

20)

- a. Hoje o *assentamento* ***pela população** conta com cerca de cem famílias, que trabalham basicamente na produção de frutas e hortaliças de pouca renda.
- b. Hoje o *assentamento* ***da cidade** conta com cerca de cem famílias, que trabalham basicamente na produção de frutas e hortaliças de pouca renda.

⁹ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2019/06/30/navio-de-resgate-acha-bote-com-40-pessoas-a-deriva-e-se-dirige-a-lampedusa.htm>. Acesso em: 04 ago. 2019.

¹⁰ Disponível em: <https://www.otempo.com.br/superfc/local-onde-ser%C3%A1-aut%C3%B3dromo-do-rio-abriga-quadrilhas-de-ladr%C3%B5es-de-cargas-1.2202515>. Acesso em: 04 ago. 2019.

¹¹ Disponível em: <http://odocumento.com.br/governo-encaminha-projeto-de-lei-que-visa-obrigar-o-presos-a-custear-tomozeleira/>. Acesso em: 07 jul. 2019.

¹² Disponível em: <https://www.promoview.com.br/promocao/traje-tipico-na-oktoberfest-de-igrejinha-vale-bebidas.html>. Acesso em: 04 ago. 2019.

- c. Hoje o *assentamento* ***durante cinco minutos/*em cinco minutos/*por cinco minutos** conta com cerca de cem famílias, que trabalham basicamente na produção de frutas e hortaliças de pouca renda.

21)

- a. A novidade apresentada pela Amifest [...]garante ao visitante com vestimenta em conformidade com as regras duas opções de *bonificação* ***pela empresa**: (1) quatro tickets de água/refrigerante ou (2) dois tickets de chopp.
- b. A novidade apresentada pela Amifest [...]garante ao visitante com vestimenta em conformidade com as regras duas opções de *bonificação* ***da empresa**: (1) quatro tickets de água/refrigerante ou (2) dois tickets de chopp.
- c. A novidade apresentada pela Amifest [...]garante ao visitante com vestimenta em conformidade com as regras duas opções de *bonificação* ***durante cinco minutos/*em cinco minutos/*por cinco minutos**: (1) quatro tickets de água/refrigerante ou (2) dois tickets de chopp.

Diante desse diagnóstico, Brito e Oliveira (1997) e outros autores, como Reis e Figueiredo (2018), assumem que, diferentemente dos Nomes eventivos e de resultado, os Nomes de entidade não são Nomes derivados de Verbos, mas Nomes em que a raiz é diretamente dominada pelo nominalizador. Desse modo, as palavras *embarcação*, *vegetação*, *assentamento* e *bonificação* dos exemplos analisados aqui teriam, respectivamente, as estruturas [$\sqrt{\text{embarca}} + \text{ção}$]_n [$\sqrt{\text{vegeta}} + \text{ção}$]_n, [$\sqrt{\text{assenta}} + \text{mento}$]_n e [$\sqrt{\text{bonifica}} + \text{ção}$]_n.

Essa é uma abordagem possível na MD, pois considera que há uma reanálise das raízes. Porém, há um problema quando observamos a realização morfofonológica de alguns Nomes de entidade e o seu significado. No exemplo (22), a seguir, estão destacadas em negrito as marcações morfológicas verbais dos Nomes listados.

- 22) *bonificação* (*recompensa*), *assentamento* (*lugar*), *vegetação* (*coletivo*), *contribuição* (*imposto*), **acampamento** (*lugar*), **alojamento** (*lugar*), **hospedagem** (*lugar*), **pousada** (*lugar*), **pagamento** (*salário*), **engrenagem** (*conjunto de peças*), **embarcação** (*barco*), **rolamento** (*peça de carro*)

Com o conjunto de dados em (22), podemos ver que, assim como as suas contrapartes *eventiva* e *resultativa*, os Nomes de entidade também podem apresentar complexidade morfológica. Além disso, ainda que tenhamos leitura de *produto* ou *coisa*, esses Nomes não podem ser considerados idiomáticos, o que evidenciaria a reanálise das raízes. Isto é, esses itens não perderam totalmente a relação semântica com a sua raiz, uma vez que podemos resgatá-la, se fizermos uma paráfrase. Por exemplo, os vocábulos *acampamento* e *rolamento* podem ser parafrazeados como *lugar onde se acampa* e *peça que faz rolar*. Esse é um caso distinto do que ocorre com os vocábulos *refrigerar* - *refrigerante* (bebida gasosa) e *ramo* - *derramar* (tirar ramo) - *derramar* (líquido), nos quais a

semântica da palavra derivada não emerge por meios derivacionais, mas é arbitrária¹³.

Nesse sentido, considerando que, no arcabouço da MD e do Modelo Exoesquelético, as peças morfológicas representam nós sintáticos, nos deparamos, então, com a seguinte questão: como analisarmos esses Nomes, sem desconsiderar a complexidade morfológica, já que eles não se comportam sintaticamente como os Nomes eventivos ou de resultado?

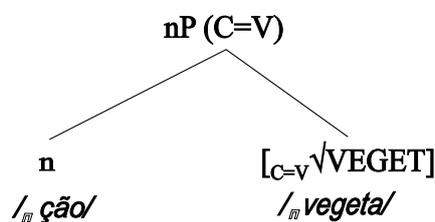
Como vimos no início desta seção, os Nomes com leitura de entidade apresentam um comportamento sintático que indica a falta de estrutura argumental e de evento em sua derivação, motivando as análises em que esses Nomes, em sua formação, não passam pelas camadas verbal, aspectual e outras que formem estrutura de evento. Por outro lado, no exemplo (22), temos evidência morfológica de que esses Nomes podem ser complexos.

Diante disso, proponho resgatar a proposta de Borer (2013a) para Nomes referenciais. Na proposta da autora, esses Nomes são os que Grimshaw (1990) denomina de Nomes de resultado. Porém, considero que a análise feita por Borer (2013a) pode ser aproveitada de melhor maneira para os Nomes que denotam entidade. Nessa análise, os Nomes não herdam estrutura de evento de sua contraparte verbal, mas apresentam uma raiz tipificada em Verbo pelo funtor categorial nominalizador.

Para a melhor compreensão dessa proposta, é importante lembrar como os funtores categoriais funcionam no Modelo Exoesquelético. Conforme discutido na fundamentação teórica, os funtores categoriais são responsáveis por atribuir uma classe gramatical a uma palavra e criar um espaço complementar categorial (CCS). Esse CCS torna o complemento do funtor equivalente a uma categoria lexical. Nesse sentido, um funtor do tipo $C_{N[V]}$, como os sufixos *-ção* e *-mento*, forma um Nome e transforma o seu complemento equivalente a um Verbo, de modo que, quando esse funtor domina diretamente uma raiz, essa raiz passa a ser equivalente a Verbo, possibilitando à sua realização fonológica ser semelhante à expressão de um Verbo. Relembremos também que as raízes são apenas índices fonológicos, tendo a sua realização fonológica definida em *Spell-Out*.

De acordo com essa proposta, os Nomes de entidade seriam formados com uma estrutura semelhante à representada na figura 7.

Figura 7: Estrutura de Nomes que denotam entidade



Fonte: AQUINO (2021, p. 143)

¹³ Para saber mais sobre a análise formal de palavras idiomáticas, confira Pederneira e Lemle (2009), Pederneira (2010), Lemle e Pederneira (2012), Aquino (2016), Aquino *et al.* (2018).

Nessa estrutura, o nominalizador seleciona a raiz $\sqrt{\text{VEGET}}$ como complemento, tornando-a equivalente a um Verbo. Quando a estrutura é enviada para *Spell-Out*, a raiz é realizada como /*vegeta/*, ganhando uma realização fonológica verbal possível na língua, e a estrutura toda é realizada como *vegetação*. Em relação ao recorte semântico dessa estrutura, a falta de uma projeção estendida verbal (cf. BORER, 2013b) possibilitaria o surgimento de uma nova leitura semântica, gerando as noções de lugar, coletividade etc. Diante disso, essa proposta se apresenta como um caminho possível para compreender a complexidade morfofonológica desses Nomes e o seu comportamento sintático diferenciado.

Considerações finais

Com base em uma análise sintática para os processos de formação de palavras da Gramática Gerativa, adotando principalmente os conceitos do modelo Exoesqueletal de Borer (2005a, 2005b, 2013a), este texto teve como objetivo principal estudar o fenômeno da polissemia em nominalizações deverbais, tendo como foco os dados do português do Brasil. Para isso, foi utilizada uma metodologia de análise linguística formal e foram aplicados testes sintáticos variados para compreendermos como a estrutura interna das nominalizações (i.e dentro do escopo do nó nominalizador) é formada e como ela exerce influência nas diferentes leituras. Os testes utilizados para análise foram: *presença/ausência de argumentos*, *modificação adverbial* e *modificação aspectual*.

Diante da análise realizada, propõe-se, com base nos templates de Borer (2013a), que as camadas sintáticas formadoras de uma estrutura de argumento/evento podem fazer parte da estrutura interna das nominalizações. Nesse sentido, a leitura de evento emerge quando todas essas camadas são projetadas abaixo do nominalizador, gerando uma estrutura de evento. A leitura de resultado, por sua vez, emerge quando a estrutura do Nome apresenta somente as camadas vP e ASPQ/Fshl, licenciando um argumento interno e a possibilidade de modificação aspectual, mas limitando a formação de uma estrutura de evento completa. Por fim, propõe-se que a leitura de entidade é resultado de uma estrutura em que não há a projeção dessas camadas, explicando assim o comportamento sintático diferenciado desses Nomes. Mas, para dar conta da realidade de complexidade morfofonológica nesses Nomes, que não podem ser analisados como idiomáticos, é assumido, retomando a proposta de categorização de palavras de Borer (2013a, 2013c), que o funtor categorial nominalizador tipifica a raiz por ele selecionada como equivalente a um verbo, possibilitando a realização fonológica dessa raiz de maneira semelhante a verbos da língua.

Diante disso, as análises aqui expostas corroboram a assunção de diferentes propostas na literatura de que a estrutura de evento não está presente somente em verbos, podendo ser herdada pelos seus nomes derivados. Por fim, é importante reiterar que este texto não encerra a discussão a respeito do processo de formação das nominalizações e que as propostas aqui defendidas suscitam novas perguntas. Uma delas, por exemplo, é como analisar a formação de nominalizações do infinitivo.

Referências

- ALEXIADOU, A. *Functional Structure in Nominals*. Nominalization and Ergativity. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.
- ALEXIADOU, A. On the role of syntactic locality in morphological processes: the case of (Greek) derived nominals. In: GIANNAKIDOU, A.; RATHERT, M. (org.). *Quantification, Definiteness and Nominalization*. Oxford: Oxford University Press, 2009. pp. 253-80.
- ALEXIADOU, A; BORER, H. Introduction. In: ALEXIADOU, A; BORER, H. (eds.) *Nominalization: 50 years on from Chomsky's Remarks*. Oxford: Oxford University Press, pp. 1-24, 2020.
- AQUINO, R. N. M. *Encontros e desencontros semânticos entre palavras cognatas das línguas portuguesa e espanhola*. 2016. 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Faculdade de Letras - Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2016
- AQUINO, R. N. M. Nomes deverbais em português: um estudo na interface sintaxe- semântica. In: *Caderno de Resumos SEPLA 2019 – Seminário de Pesquisas Linguísticas em Andamento*. Rio de Janeiro: Revista Linguística. Rio, v. 5. pp. 78-80, 2019.
- AQUINO, R. N. M. *Nomes deverbais em português do Brasil*. 2021. 145 f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Faculdade de Letras - Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2021
- AQUINO, R. N. M.; PEDERNEIRA, I. L.; LEMLE, M. A relação raiz e estrutura sintática na semântica da formação de palavras no português brasileiro e espanhol. *Revista da ANPOLL*. v. 1 n. 45, pp. 90-105, 2018.
- BASSANI, I; MINUSSI, R. Contra a seleção de argumentos pelas raízes: nominalizações e verbos complexos. *ReVEL*, v. 13, n. 24, 2015.
- BORER, H. Morphology and Syntax. In SPENCER, A; ZWICKY, A (eds.). *The Handbook of Morphology*. Oxford, Blackwell Publishers Ltd. pp. 149-190, 1998.
- BORER, H. Exo-Skeletal vs. Endo-Skeletal Explanations: Syntactic Projections and the Lexicon. In. POLINSKY, M.; MOORE, J. (eds.) *The nature of explanation in linguistic theory*. Standford: CSLI Publication, 2003.
- BORER, H. *Structuring sense*. In Name Only. 1. ed. Nova Iorque: Oxford Univeristy Press, 2005a.
- BORER, H. *Structuring sense*. The normal course of events. 1. ed. Nova Iorque: Oxford Univeristy Press, 2005b.
- BORER, H. *Roots and Categories*. Circle of Generative Grammar. University of the Basque Country, 2009. Handout. Disponível em: http://hborer.sllf.qmul.ac.uk/Downloads/Borer%202009%20roots_and_categories.pdf.
- BORER, H. *Structuring sense*. Taking Form. 1.ed. Nova Iorque: Oxford Univeristy Press, 2013a.
- BORER, H. The syntactic domain of content. In: BECKER, M.; GRINSTEAD, J.; ROTHMAN, J. (eds.). *Generative Linguistics and Acquisition*. Studies in honor of Nina M. Hyams. John Benjamins Publishing Company, 2013b.
- BORER, H. Derived nominals and the domain of content. *Lingua*, pp. 71-96, 2014a.

- BORER, H. The category of roots. In: ALEXIADOU, A.; BORER, H.; SCHÄFER, F. (eds.) *The Syntax of Roots and the Roots of Syntax*. Oxford, 2014b.
- BRITO, A. M.; OLIVEIRA, F. Nominalization, aspect and argument structure. In: MATOS, G. et al. (eds.), *Interfaces in Linguistic Theory*. Lisbon: APL/Colibri. 1997, pp. 57-80.
- CINQUE, G. *Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective*. New York: Oxford, 1999.
- CYRINO, S. M. L. *O objeto nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística - Unicamp, Campinas, 1994.
- CYRINO, S. M. L. O objeto nulo no português brasileiro. In: GÄRTNER; HUNDTE; SCHÖNBERGER (orgs), *Estudos de gramática portuguesa*, v. III, pp. 61-73. Frankfurt am Main. 2000
- CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge. MA: MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, N. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R. A.; ROSENBAUM, P.S. (eds.) *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham, MA: Ginn, pp. 184-221, 1970.
- CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Current Studies in Linguistics. MIT Press, Cambridge, Massachusetts. 1995
- CHOMSKY, N. Minimalist inquiries: The framework. In: MARTIN, R.; David MICHAELS, D.; URIAGEREKA, J. (eds.). *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*, pp. 89-156. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.
- CHOMSKY, N. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, M. (ed.). *Ken Hale: A Life in Language*, pp. 1-52. Cambridge, MA: MIT Press, 2001.
- DOWTY, D. Thematic Proto-Roles and Argument Selection. *Language*, v. 67, n. 3, pp. 547-619, 1991.
- DOWTY, D. *Word meaning and Montague grammar*. Dordrecht, Holland, Kluwer Academic Publishers. 1979
- FU, J; ROEPER, T.; BORER, H. The VP within Process Nominals: Evidence from Adverbs and the VP Anaphor Do-So. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 19, n. 3, pp. 549-82, 2001.
- JORGE, L. T. Complementação do Nome, relações semânticas e estruturas sintáticas: uma proposta de revisão da análise tradicional. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 1986.
- GRIMSHAW, J.; MESTER, A. Light verbs and theta-marking. *Linguistic Inquiry*, v. 19, pp. 205-32, 1988.
- GRIMSHAW, J. *Argument Structure*. Linguistic Inquiry Monographs. 1990.
- OLIVEIRA, D. C. M. *Nominalizações no Português do Brasil: Aspectos Morfossintáticos e Semânticos*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2005.
- OLIVEIRA, D. C. M. *Nominalizações no Português brasileiro: Estrutura argumental, formação e morfossintaxe*, 2014. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- REIS, R. *Os traços de aspecto lexical e as nominalizações em -ção e -mento*. Dissertação. f. 280. (Mestrado em Língua e Cultura) Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Salvador: BA. 2016.

REIS, R.; FIGUEIREDO, C. Os traços de aspecto lexical e as nominalizações em -ÇÃO no Português Brasileiro. *Revista da ANPOLL*, v. 1, n. 46, 2018.

ROEPER, T.; VANHOUT, A. The impact of nominalization on passive, -able and middle: Burzio's generalization and feature-movement in the lexicon'. *MITWPL*, v. 35, pp. 185-211, 1999.

SLEEMAN, P.; BRITO, A. M. Nominalization, event, aspect, and argument structure: a syntactic approach. *In: DUGUINE, M.; HUIDOBRO, S.; MADARIAGA, N. (eds). Argument Structure and Syntactic Relations. A cross-linguistic perspective. Linguistik Aktuell/Linguistics Today, John Benjamins B.V. 2010.*

SLEEMAN, P.; BRITO, A. M. Aspect and argument structure of deverbal nominalizations: a split vP analysis. *In: ALEXIADOU, A.; RATHER, M. (eds.). The Syntax of Nominalizations across Languages and Frameworks, pp. 199-217. Berlin: De Gruyter, 2010.*